

Popularidade

M. Cavalcanti Proença

“Num velho lar brasileiro é sempre fácil encontrar, num fundo de gaveta, alguma brochura amarelada e já treslida do romancista.” O autor da frase é Brito Broca e o romancista, Alencar.

Na afirmação está contida toda a penetração popular “popularidade obstinada” do autor de *Iracema*, e, nesta pequena resenha de testemunhos de escritores, volto a Luís da Câmara Cascudo: ele nos conta de pessoas do Nordeste que “sabiam as páginas iniciais de *Iracema*, sem engano de uma só palavra”. Raquel de Queirós também depõe: “No Ceará, Porangaba ainda é hoje a *lagoa onde Iracema se banhava* e a praia onde a tabajara penou e morreu é a *praia de Iracema* (...) Ninguém fala nas praias do Ceará sem citar os *verdes mares bravios*, ninguém pensa em jandaia sem ser *nas frondes da carnaúba*; *rápido como a ema selvagem* é frase feita que está na boca de todos (...)”. Citações desse tipo, afirma, “são incidências já tão banalizadas, que o escriba consciencioso as evita com cautela”. E arremata, narrando que em programa de rádio frequentado pela “pequena classe média”, houve a pergunta: “De quem eram os olhos de ressaca?” Passaram-se os minutos, timidamente ouvintes ensaiaram respostas, o prazo se extinguiu e ninguém acertou. O locutor fez outra pergunta — Quem era a virgem dos lábios de mel? — Cito: “Quase o auditório veio abaixo no brado unânime da assistência: *Iracema!*”

Gilberto Freyre nota que são “suas páginas de paisagista as que esplendem nas antologias. São elas que, aprendidas de cor pelo brasileiro, na meninice de colégio antigo, cantam

aos ouvidos dos velhos com uma riqueza de sons que o tempo não consegue destruir.”

Queixava-se Alencar de que *O Guarani* era vendido muito caro “nos belchiores que o tinham a cavalo do cordel, embaixo dos arcos do Paço”; não sabia que era a popularidade chegando, como acentuaria depois Afrânio Peixoto: são “incontáveis as edições, pois pertencem, agora, muitos deles (romances) à chamada *literatura de cordel*, literatura popular, quase clandestina, que não se vende nas livrarias, mas nas esquinas, nos lustradores de botas, nos vendedores de jornais e que são a glória popular da divulgação”. Ainda hoje, reconhece Nelson Werneck Sodré, “sua popularidade cresceu na medida em que se desenvolveu entre nós a massa de leitores”.

Também entre escritores essa popularidade é grande. Mário de Andrade o invocou: “meu irmão José de Alencar”; Manuel Bandeira se confessa leitor: “Ainda hoje gosto de *Diva / — Nem não posso renegar / — Peri, tão pouco índio, é fato / — Mas tão brasileiro... Viva / — Viva José de Alencar!*” Lima Barreto anotava-lhe o vocabulário, e Machado de Assis o teve como patrono na Academia.

Mas deixemos os escritores, entremos num ginásio; ali a noção de aposto está indissolivelmente ligada a *Iracema*. Quando o aluno esquecido não atina com o aposto na análise de um trecho, basta o professor pronunciar: “*Iracema, a virgem dos lábios de mel*” e a resposta vem coletiva e satisfeita.

Já assisti a um tenente dizer ao soldado: “Vá chamar o sargento Marcelo, urgente!” E como a urgência do soldado não lhe pareceu suficiente acrescentou: “Mais rápido que a *ema selvagem*”. Tão corrente a expressão que dela se fez a anedota do tarimbeiro que a deformava: “mais rápido que a *hiena selvagem*”.

E houve um carnaval em que todo o Rio de Janeiro cantou: — “*Peri amou Ceci / — Ao som, ao som / — Ao som do Guarani*”. Em outro: “*Quase não volto mais aqui / Pra ver Peri / Beijar Ceci*”.

E, prova máxima dessa penetração, *Iracema* está passado em verso num folheto de feira do Nordeste. É de João Martins de Ataíde, Editor Gé Bernardo, de Juazeiro do Padre Cícero. Tem muitas edições e termina assim:

E assim findou-se o drama
de amor santo e fiel,
a Índia trocou a vida
por uma taça de fel.
Mas o nome de Iracema
está gravado em seu emblema
"Virgem dos lábios de mel".

Alencar me lembra um rio, mais particularmente o meu rio Cuiabá. De uma feita abriu ele um "furo" e ganhou outro leito. O governo mandou pôr estacas para impedir o desvio, as estacas apodreceram, ou o rio as levou, mesmo novas. Hoje o rio passa por onde escolheu, o trecho antigo ficou seco e os moradores se trasladaram para a nova beira-d'água. Estou pensando nos críticos que tentaram barrar-lhe a carreira caudalosa. Verdade que quase todos reconheceram, mais tarde, que a água era livre. Sílvio Romero, que atacou *O Guarani* e *As Minas de Prata*, retificou o juízo sobre o romancista no volume de crítica escrito em colaboração com João Ribeiro. E mesmo antes, quando profetizava, errando, que a obra de Alencar não tinha "bastante força de resistência contra a ação do tempo" reconhecia: "não é possível negar a força da sua personalidade."

Tobias Barreto também procurou diluir a importância de Machado e Macedo. Ele e Sílvio, cientificistas de quem se poderia dizer, sem paradoxo, quase místicos, desejavam uma ciência total, incluindo poesia, romance, teatro, pintura e até a própria ciência, mais mental que experimental, no Brasil da época. Compreende-se. Na maturidade, Joaquim Nabuco dizia: "Travei com José de Alencar uma polêmica, em que receio ter tratado com a presunção e a injustiça da mocidade o grande escritor".

Mais ingênuos o Cônego Fernandes Pinheiro que o ignorou de propósito no seu *Curso de Literatura*, e a comissão do Instituto Histórico e Geográfico, remanchando para dar parecer sobre a admissão de Alencar e Ferreira Viana, propostos por Luís Vieira. Haveria mesmo desejos de agradar a Pedro II? Talvez, pois desde as *Cartas de Erasmo*, Porto Alegre já insi-

nuava que Alencar atacando o “protegido”, Magalhães queria atingir o “protetor”, Pedro II.

E a verdade é que o Imperador chegara a mandar o poema *A Confederação dos Tamolos* a Alexandre Herculano, com pedido de opinião. E a opinião veio. Arrasadora. Fosse laudatória e seria publicada para destruir definitivamente o futuro autor de *O Guarani*.

Capistrano é um que atribui a má vontade com Alencar à crítica cerrada que fez à obra do valido imperial e, mais, ao feitio independente que não lhe permitia ler seus escritos nas tertúlias do Paço, nem mandar livros a escritores portugueses para que os recomendassem em cartas encomiásticas. E Capistrano é contemporâneo e historiador. Além disso sabemos que o imperador gostava que assim fizessem. Das *Cenas de Viagem* de Taunay leu o manuscrito integralmente e com a maior paciência. E corrigiu a lápis o que achou de locuções viciosas, sobretudo galicismos. Aliás os galicismos eram, para ele, do mesmo tope de Solano López, e os eliminava a lápis vermelho das ordens-do-dia de Gastão de Orleans. Podia ter sob a asa um homem “de maneiras esquivas e penetrado de fino orgulho” que não lhe atraíam simpatias pessoais?

Mas Franklin Távora será honesto reconhecendo-lhe, no prefácio de *O Cabeleira*, um “engenho de primeira grandeza”, e “que tem contribuído com suas mais importantes primícias para a formação da literatura austral”, do Brasil. Aliás Távora sempre foi de boa-fé e quem nos garante é o próprio Sílvio Romero que, além de acentuar a manifesta influência alencarina no *Índio do Jaguaribe*, considera um erro ter o crítico se aliado ao escritor luso, pois residia no Recife e não estava a par das “tramóias de José Feliciano”.

Finalmente, Capistrano de Abreu que lhe fizera restrições em 1875, cinco anos mais tarde o defende contra os ataques de Romero, para vaticinar: “A morte ainda não apagou, mas apagará em breve os sentimentos hostis; e então todos reconhecerão que José de Alencar é o primeiro vulto da literatura nacional”.

(Do livro *José de Alencar na Literatura Brasileira*, 1972).